

# *Acerca do significado cultural da toponímia de Macau*

*Kuan Chon Hong*

## I Introdução

É evidente que as cidades têm as suas ruas, mas as de Macau, devido ao seu significado cultural peculiar, chamam especialmente a atenção. Por um lado, pela qualidade de um portador físico do nome de uma rua: a placa das ruas, com base na azulejaria portuguesa e usando uma tonalidade azul e branca, ostenta o seu nome em chinês e português, tornando-se assim numa das peculiaridades locais de Macau, com obras de arte embutidas nas placas das ruas de Macau. Por outro lado, como possuidor de símbolo identificador de uma rua: evidencia características culturais de Macau, a mostrando factos históricos ocorridos ao longo dos últimos séculos e descritos de maneiras diferentes, dando-lhe uma forte carga de acontecimento histórico.

Graças à peculiaridade das ruas de Macau, não têm faltado estudiosos que se tenham debruçado sobre o estudo da toponímia macaense. De entre eles, o mais conhecido é “Macau Street”<sup>1</sup> de César Guillén Nuñez. Nele, o autor debruça-se sobre o passado de mais de 40 ruas, de modo que tem vindo a explorar uma história, cheia de vicissitudes nos últimos 400 anos da história de Macau, a narrar vividamente episódios de comerciantes chineses e portugueses, líderes, deuses e santos, heróis e literatos.

Outra obra intitulada “Histórias de ruas de Macau”<sup>2</sup> debruça-se sobre umas 30 ruas principais de Macau, falando de passagem das suas zonas circundantes, num estudo que cobre praticamente as principais áreas do território de Macau, tomando a geografia como a urdidura e a história como a trama. Através da descrição das vicissitudes, evoca-se a memória colectiva. Visualizam-se as coisas e veêm-se as pessoas que estão por detrás delas, num profundo entendimento das lições históricas, retratando de

---

<sup>1</sup> César Guillén Nuñez, fotografia de Liang Jiatai e tradução de Fan Wuou: “Macau Street”, Oxford University Press, 1999.

<sup>2</sup> Liu Xianbing: Prefácio à “História das ruas de Macau”, Sociedade de Estudos Históricos da Escola Pui Tou de Macau, 2005.

novo o brio das celebridades passadas, numa descrição da convivência entre as duas comunidades, a chinesa e a estrangeira, ao longo dos últimos 400 anos. Evidencia-se a real fisionomia da cidade da China que mais cedo se abriu ao Mundo, a capturar as belezas respectivas das culturas oriental e ocidental, assim como a sua integração.

Relativamente a ensaios, pode destacar-se a “Identificação e nomes das ruas de Macau”<sup>3</sup>, de Fu Yulan. Este texto dedica-se à classificação e estatística da identificação, a explicar as suas origens e as suas alterações, assim como as suas informações sócio-culturais e o fenómeno da integração entre as culturas chinesa e ocidental. “Uma tentativa de estudo sobre regras de baptismo das ruas de Macau”<sup>4</sup>, de Huang Yi, tem-se debruçado sobre regras de baptismo das ruas de Macau, na perspectiva da estrutura das línguas chinesa e portuguesa e do ângulo de uma interpretação cultural. O “Baptismo das ruas de Macau e a imagem cultural da cidade”<sup>5</sup>, de Peng Hailing, acha que os nomes das ruas de Macau condensam em si os quatro séculos da história e cultura, tratando-se de uma exemplificação da mútua tolerância e convivência das culturas chinesa e portuguesa em Macau e da personificação da liberdade da crença religiosa das pessoas. Mostrando a fisionomia do desenvolvimento urbano de Macau, reflecte-se o passo positivo do contínuo progresso da sociedade de Macau, de modo a visualizar-se uma peculiar imagem cultural da cidade, e com base nisto, desenvolve-se uma descrição explicativa.

Como foi referido, os estudos do passado sobre as ruas de Macau têm-se diversificado em estatísticas classificadas e narração histórica. Com os excelentes estudos dos nossos predecessores nestas áreas, seria escusado repeti-los. Ernst Cassirer disse: “O processo de baptismo muda o mundo impressionista sensorial que até mesmo os animais têm, tornando-o para um mundo psicológico, conceptual e significativo.”<sup>6</sup> Por isso, nesta sede,

<sup>3</sup> Fu Yulan: “A identificação e os nomes de ruas de Macau”, in “Boletim de Estudos de Macau”, n.º 5, pp. 47-75.

<sup>4</sup> Huang Yi: “Um estudo das regras de nomeação de nomes de ruas de Macau”, in “Boletim de Estudos de Macau”, n.º 24, p. 204-245.

<sup>5</sup> Peng Hailing: “Acerca de nomes de ruas e a imagem da cultura urbana de Macau”, in “A moldagem da imagem cultural urbana: Acta do 8o Simpósio sobre o Intercâmbio Cultural entre Guangdong, Taiwan, Hong Kong e Macau”, Fundação Macau, 2007, p. 95.

<sup>6</sup> Ernst Cassirer, tradução de Yu Xiao: “A Língua e o Mito”, Joint Publishing HK, 1988, p. 55.

o autor concentra-se no “nome” de ruas para ver este “mundo significativo”, formado por nomes que contêm informações e ostentam a história e a cultura de Macau.

## **II Toponímia com nomes de personalidades: orientações opostas chinesa e portuguesa**

Antes do retorno à Pátria em 1999, Macau foi uma colónia portuguesa. Este peculiar percurso histórico deixou naturalmente muitos traços em Macau, que, enquanto material, há muitos edifícios históricos a estilo português que são preservados até aos dias de hoje. No que toca ao espiritual, como os usos e os costumes deixados pelos portugueses são o objecto de este estudo: Os nomes de ruas com características bem portuguesas têm por detrás dos símbolos das denominações uma série de imagens espirituais. Passemos a examinar tais nomes de ruas a fim de descobrir as conotações encerradas em si.

Em Macau, nomes de ruas com características bem portuguesas são omnipresentes nesta pequena cidade. Por um lado, todas as placas de nome de ruas são bilingues em chinês e em português, e por outro lado, nomes de ruas com características portuguesas são bem patentes. Os primeiros são muito evidentes, de modo que é escusado desenvolver aqui mais descrições e os segundos podem dividir-se principalmente em duas categorias:

Primeiro, no caso das ruas com nomes de personalidades, são, na sua maioria, figuras políticas, das quais os nomes dos governadores de Macau são os mais escolhidos para denominação, como a Avenida Horta e Costa, a Avenida Dr. Rodrigo Rodrigues, a Rua do Visconde Paço de Arcos, etc. Além disso, nomes de presidentes ou reis de Portugal são usados para baptizar vias públicas, tais como a Avenida de D. João IV e a Avenida de Sidónio Pais, etc. Além disso, nomes de alguns funcionários do Governo Português de Macau ou da Metrópole foram usados dar nome a ruas de Macau, como a Avenida do Doutor Mário Soares e a Rua de Pedro Nolasco da Silva, etc.

De facto, o passado de Portugal está repleto de celebridades. As mais conhecidas são naturalmente Fernão de Magalhães, Vasco da Gama, entre outros navegadores, e não são poucas as personalidades conhecidas que tiveram contactos com Macau, das quais se pode citar o historiador e a

figura representante do simbolismo literário Camilo de Almeida de Pessanha, o matemático e astrónomo D. Alexandre de Gouveia, que servia na Corte imperial de Pequim, o famoso poeta e autor de *Os Lusíadas*, Luís de Camões, etc. Mas o governo português de Macau quando dava nomes às vias públicas, sacrificava selectivamente e em grande quantidade nomes conhecidos da navegação, religião e cultura a figuras políticas. A única rua baptizada com um nome fora dos círculos políticos é a Rua Camilo de Pessanha.

Ao chegar a este ponto, seria interessante fazer uma comparação com as ruas baptizadas com nomes de notáveis chineses, das quais se pode destacar principalmente a Avenida Dr. Sun Yat Sen, a Avenida do Comendador Ho Yin, a Rua do Comendador Kou Ho Neng, a Rua do Lucao, a Avenida Xian Xing Hai, a Avenida Zheng Guang Ying e a Rua do Volong, etc. Se se nota que o número de vias públicas com nomes de celebridades chinesas é muito inferior ao de vias públicas com nomes de notáveis portugueses, é porque Macau estava sob o domínio português. É obvio que os portugueses, com o poder de denominação das vias públicas, inclinavam-se mais a usar nomes dos seus conterrâneos, o que é natural e não de todo criticável. Mas, é na composição que se vê mais a inclinação lusa, quando se baptizavam as vias públicas. Dos supracitados nomes de celebridades chinesas, apenas Sun Yat-sen é uma figura política, mas a denominação não usou o seu título político, mas sim o título de médico “Dr.” (Diga-se de passagem que o nome “Ph.D” é de facto um erro de tradução). Ho Yin, embora tenha tido determinadas actividades políticas, a identidade mais conhecida não foi a de um político, mas a de um empresário proeminente. Além disso, mantinha estreitas relações com o governo português de Macau. Kou Ho Neng e Lucao foram ambos famosos comerciantes chineses na história de Macau. Xian Xing Hai, na sua qualidade de conhecido compositor, nunca pôs os pés nos círculos políticos. Zheng Guan Ying, apesar de manter uma boa amizade com Sun Yat-sen, nunca se envolveu directamente em actividades políticas. A Rua do Volong, embora nomeada com o nome de Lü Volong, Conselheiro para a Administração da Dinastia Qing, foi um católico, e uma pessoa abastada. Diz-se que na sua vida, as autoridades portuguesas de Macau teriam contraído empréstimo junto ele.<sup>7</sup> Pelos vistos, uma figura não

<sup>7</sup> Tang Si: “Episódios de Macau (Continuação)”, China Federation of Literature Publishing House, 1999, p. 36.

muito conhecida tanto na história da China, como na história de Macau, teve a honra de ser usado para baptizar uma rua. Isso teria sido por causa das relações estreitas que mantinha com o governo de Macau.

Em função do referido, pode saber-se que o Governo Português de Macau, quando dava nomes de personalidades à toponímia de Macau, tinha orientações opostas: Prevelem os nomes de celebridades portuguesas, aliás principalmente as políticas. No caso de denominações com nomes de celebridades chinesas, além de serem inferiores em número, foram figuras não políticas. O Governo Português de Macau quando baptizava vias públicas, levaria intencionalmente em conta os factores políticos. Através de uma grande quantidade de figuras políticas de Portugal, especialmente os mais altos funcionários directamente colocados na administração de Macau, os governadores, queria transmitir uma mensagem de que Macau se encontrava sob o domínio português, e politicamente falando, era uma colónia portuguesa. Na adjacente Hong Kong, há muitas ruas nomeadas com nomes de figuras políticas, como o nome do primeiro governador de Hong Kong, Pottinger Street. A sua causa seria idêntica às circunstâncias de Macau.

### **III Em memoria da história: necessidades políticas de enaltecer os méritos e as virtudes**

Os nomes de ruas com fortes características portuguesas têm por temática celebrar grandes acontecimentos históricos de Macau sob o domínio português ou de Portugal. Mesmo neste tipo de toponímia, não seria difícil ver as aspirações políticas do Governo Português de Macau. Exemplifiquemos com a Estrada da Vitória. Este nome, pelo significado, refere-se a uma importante vitória militar da história de Macau.

No século XVI, a abertura das novas rotas marítimas deu origem a uma revolução no espaço, de modo que as duas extremidades do Globo, o Oriente e o Ocidente, foram mais intimamente ligadas. Nessa altura, além dos portugueses, vieram ao Extremo Oriente outras nações europeias. Por exemplo, a Holanda. Pela inveja dos fabulosos lucros comerciais obtidos pelos portugueses no Extremo Oriente, os holandeses lançaram, entre 1601 e 1688, seis ataques contra Macau. Como bem disse em 1614 o Governador holandês da Batavia: “Last but no means least, possession of Macao would give the Hollanders a stranglehold on the Chinese over-

seas trade and, more important still, give them direct access to the ‘wealth and products of China for which the whole world is covetous’<sup>8</sup>

O ataque holandês a Macau em 1622 foi o mais violento. O bispo da diocese de Macau dessa altura, Álvaro do Rosário, descreveu o impetuoso ataque holandês nos seguintes termos: “.....aos vinte e um de junho chegaram a esta barra mais treze velas holandesas; nove naus grandes de guerra e quatorze patachos, que, com as quatro que já na barra estavam, ficavam por todas sendo dezassete velas; aos vinte e dois do mesmo mês despediram oito lanchas a reconhecer os postos, os quais em muitas partes andavam com os nossos às espingardas, principalmente em Cacilhas, .....aos vinte e três dias do mesmo mês, véspera do glorioso S. João Baptista, mandaram os inimigos duas naus poderosas que uma delas trazia duas ordens de artilheria grossas de vinte e cinco e trinta arrates, as quais se puseram à bateria com o baluarte de São Francisco, desde as duas até às seis horas da noite. Eram os estrondos tão grandes, que pareciam medonhos trovões, e os pelouros vinham tão furiosos, que pareciam ligeiros coriscos, e em tanta quantidade que parecia um grande e grosso chuvaire.....(Nota do autor: 24 de Junho) Ainda bem não era chegada a luz do dia, nem o sol tinha ainda aformosentado o nosso horizonte, com seus claros raios, ainda bem não era manhã clara, aquela que em todas as partes do mundo, mais que todas as dos outros dias costuma ser festejada, festejaram os inimigos com uma salva de pelouros, começando com maior força a bateria; e sendo já manhã clara partiram para Cacilhas dois patachos, e em sua companhia vinte a duas lanchas e cinco barcaças.....”<sup>9</sup>

Diogo Caldeira do Rego, escrivão do Leal Senado de Macau, num relatório escrito em 27 de Novembro do ano seguinte, relatou a vitória final sobre os holandeses:“.....se dividiram cometendo o monte de Nossa Senhora da Guia com intento de o ganharem, unindo-se com duas bandeiras que para o mesmo efeito logo ao desembarcar se apartaram e servindo-se da mosquetaria foram subindo até o alto da serra aonde já acharam alguns dos nossos, mas acudindo mais gente da cidade e portos

<sup>8</sup> C.R. Boxer: Fidalgos in the Far East, 1550-1770, The Hague Martinus Nijloff, 1948, p.73, citado em Huang Qichen: “História de Macau”, Editora Educacional de Guangdong, 1999, p. 104.

<sup>9</sup> Álvaro do Rosário: “Ataque dos Holandeses a Macau, 1622”, in “Revista de Cultura”, n.º 75, Instituto Cultural de Macau, Verão de 2010, pp. 60-61.

em que estavam com grande ânimo foram dando neles por várias partes, matando muitos com mosquetes e a espada, os seguiram até se embarcarem a nado os que puderam escapar que foi a gente de menos porte, ficando mortos no campo e na praia mais de quatrocentos e entre eles o general da terra e o do mar que os quais acompanhar, o mestre do campo, oito capitães de infantaria, os mais dos sargentos e oficiais do campo e outras pessoas principais e de nome entre eles e perto de duzentos feridos dos quais como depois se soube poucos escaparam, alguns cativos e entre eles um capitão, pessoa principal, que ainda hoje aqui temos, deixando por despojo mais de seiscentos mosquetes, uma peça de bater, muitas espadas, escudos, albardas, sete bandeiras, outras tantas caixas em de troféu de tal vitória.”<sup>10</sup>

Durante o combate, a expedição holandesa teve 136 baixas e 126 feridos, dos quais 7 coronéis, 4 majores, 7 porta-estandartes. 4 navios holandeses foram queimados. Em contraste, o exército luso teve apenas 4 baixas e alguma dezena de feridos. Para comemorar esta vitória sem precedentes, o Governo Português de Macau, passou a definir o 24 de Junho como o “Dia da Cidade”.<sup>11</sup> Desde então, o Governo Português de Macau, através de diferentes formas, comemorava esta vitória, por exemplo, levantou uma estátua do chefe dos prisioneiros holandeses na Guia; no mesmo lugar onde obteve esta vitória, mais tarde abriu o Jardim da Vitória, onde se levantou uma lápide em memória da vitória.

Dos nomes de ruas similares, ainda há a Avenida da República e a Rua de Cinco de Outubro, etc, em comemoração do 5 de Outubro de 1910, em que ocorreu uma revolução bem-sucedida que derrubou a monarquia e fundou a República Portuguesa. Pelos vistos, relativamente à denominação com acontecimentos históricos, o Governo Português de Macau seguiu praticamente a mesma estratégia de baptismo com figuras históricas, deixando de lado os eventos culturais e religiosos, apenas usan-

<sup>10</sup> “Breve relação do estado da Cidade do Nome de Deus Reino da China de seu princípio até o ano de 1623”, in Francisco Paulo Mendes da Luz: “O Conselho da Índia: contributo ao estudo da história da administração e do comércio do ultramar português nos princípios do século XVII”, Lisboa, 1952, pp. 612-613, citado em Jin Guoping e Wu Zhiliang: “A Ilha Montanha, a Colina da Guia e a Colina da Penha da França”, in “Boletim de Estudos de Macau”, n.º 15.

<sup>11</sup> Huang Qichen: “História de Macau”, Editora Educacional de Guangdong, 1999, p. 105.

do aqueles acontecimentos políticos, em louvor dos méritos e virtudes, como a heróica defesa desta cidade, que a libertou da invasão holandesa. Nessa altura, na metrópole distante, como se libertou dos grillhões da monarquia e estabeleceu o regime republicano..... Esses momentos gloriosos assim contam e divulgam as suas façanhas uma e outra vez no curso da história e através de nomes de ruas. Pelos vistos, o objectivo desta nomeação e a com nomes de figuras políticas é o mesmo que serve para divulgar e louvar Portugal. Basta um olhar para estes topónimos, um forte carácter político logo ressalta à vista. Na verdade, há muitas maneiras de baptizar vias públicas com características portuguesas. A escolha deste tipo de nomeação revelou a autoridade com que o Governo Português de Macau queria governar esta colónia, uma autoridade que precisava de ser mais reconhecida e aceite, e estas aspirações exprimiam-se precisamente através da determinação de nomes de ruas.

#### **IV Nomes diferentes em chinês e português: A coexistência ou o conflito?**

Como anteriormente mencionado, as ruas têm os seus nomes diferentes em chinês e português. Seria interessante ver que alguns nomes de ruas não resultam de tradução directa entre o chinês e o português, isto quer dizer que os nomes chineses podem não ter nada que ver com os portugueses. Vamos citar alguns exemplos:

A Avenida de Almeida Ribeiro tem um nome mais conhecido que é a “Avenida Nova”. O nome chinês da Calçada de Francisco António é “três andares” que corresponde a Francisco António. Na Travessa do Muro, o nome correspondente em chinês é a Travessa da Cruz. No Pátio da Felicidade, o nome correspondente em chinês é a Rua dos Piolhos, e o nome correspondente em chinês da Rua Central é a Rua do Matagal.

Em vista disto, cabe-nos perguntar o que é que se esconde por detrás deste fenómeno? Que é que nos dizem nomes de ruas totalmente diferentes, tanto no som como no significado? Reflecte-se uma oposição entre as culturas chinesa e portuguesa, que reside em procurar novas maneiras de nomeação, que diferem entre as duas línguas? Já foi anteriormente mencionado que o Governo Português de Macau costumava usar nomes de algumas ruas para elogiar a metrópole, de modo a reforçar a governação; então, essa estratégia teria suscitado o ressentimento da comunidade chinesa de Macau para ignorar o significado original em português para lhe

dar um novo nome e um novo significado em chinês. Numa palavra, na mesma rua de sons e significados inteiramente diferentes, as suas relações coexistem de forma satisfatória? Ou são conflituosas ?

No nosso entender, os nomes completamente diferentes em chinês e português reflectem a não interferência mútua entre as culturas chinesa e portuguesa. Cada uma com o seu sistema. Harmonia com diferença. Constituem a coexistência e não os conflitos. Isto pode ser observado a partir de dois aspectos.

Primeiro, vamos examinar os nomes completamente diferentes em chinês e português acima mencionados. Alguns desses nomes de ruas são gentílicos portugueses, enquanto outros são apenas alguns termos comuns da vida quotidiana, que não têm muitas características portuguesas; por isso, pode deduzir-se que a resistência à cultura portuguesa não é a causa fundamental ou única que está na origem da diferença entre os nomes em chinês e em português, porque mesmo àqueles sem fortes características portuguesas foram atribuídos nomes chineses que não têm nada a ver com os seus nomes originais portugueses.

Segundo, vamos ver algumas ruas cujos nomes em chinês e português coincidem. O Coronel Mesquita é considerado como uma figura heróica pelos portugueses de Macau. Em Agosto de 1849, chefiou a tropa portuguesa na ocupação da Porte do Cerco e no ataque ao Passaleão, em que tivera morto soldados da Dinastia Qing. Gradualmente, foi promovido a coronel, de modo que em Macau há uma via pública em sua memória: a Avenida do Coronel Mesquita. À primeira vista, Mesquita não foi foneticamente traduzido para chinês.

Trata-se de um exemplo de um nome com tradução diferente, mas se apurarmos o caso, não é bem assim. Na “Mei Fujiang Damalu”, “Mei” refere-se de facto a Mesquita. A tradução chinesa tomou a primeira sílaba de Mesquita, enquanto “Fujiang” é uma versão antiga do coronel. Vê-se que a tradução chinesa não muda o facto de comemorar o Mesquita no seu nome português. Este “herói” que assassinou soldados chineses continua com o privilégio de ver o seu nome usado para designar uma via pública.

Se se aceitar integralmente o nome em chinês da Avenida do Coronel Mesquita, constitui uma surpresa, em relação ao comportamento de expansão colonial dos portugueses, já o nome em chinês da Estrada de Coelho do Amaral, como “Liangsheng Malu” talvez seja algo incrível.

A “Liangsheng Malu”, se directamente traduzida do português para o chinês, deve ser Estrada de José Rodrigues Coelho do Amaral, que foi o 85º Governador de Macau. Após a sua posse, continuou com a política expansionista do Governo Português de Macau desde o governador João Ferreira do Amaral. Ele demoliu muros e ocupou Tap Seac, Shagang, a Ponte Nova e o Patane, entre outras aldeias. Tal como Mesquita, foi visto como um herói pelos portugueses; por isso, há topónimos com o seu nome em lugares circundantes à Estrada de Coelho do Amaral.<sup>12</sup>

É compreensível que uma figura como esta seja altamente elogiada pelo Governo Português de Macau até ao ponto de nomear uma via pública com o seu nome, mas é algo incompressível que os chineses traduzissem esta estrada como “Liangsheng Malu”. Seja “Liangsheng (vitória)” referente à vitória dos portugueses sobre a invasão de Macau pelos holandeses, como algumas pessoas afirmam, seja sem escrúpulos referente à vitória da expansão de José Rodrigues Coelho do Amaral, tudo isto não afecta o significado original de comemorar a grande vitória dos portugueses. E no caso deste último, talvez não seja um elogio, mas uma descrição *ipsis verbis* das vitórias conseguidas por José Rodrigues Coelho do Amaral. É algo de facto surpreendente. Isso faz-nos lembrar o que diz um estudioso de Taiwan: “A história é como um rio. Não podemos deter a água a passar, mas podemos ver-nos nós próprios nela. O rio tem a sua direcção, porque tem o seu manancial. Sabe donde vem e por isso sabe para onde vai. Compreender a história não é para levar o passado às costas, mas para avançar, sem preocupações, com mais firmeza e tranquilidade.”<sup>13</sup> Talvez, tendo gravado este facto doloroso para a nação chinesa seja para poder seguir em frente com mais firmeza e compreender o valioso da coexistência pacífica.

Nomes que não são diferentes em chinês e em português representam a maioria da toponímia de Macau. Fizemos esta escolha dos nomes destas duas vias públicas porque estas são as mais susceptíveis de conflitos entre os chineses e os portugueses. São dois topónimos que devem dar origem a nomes diferentes em ambas as línguas. De um modo geral, a diferença de som e significado de vias públicas baseia-se no conflito sino-

<sup>12</sup> Dos topónimos nomeados com o nome do Governador Coelho do Amaral há o Pátio de Coelho do Amaral, a Travessa de Coelho do Amaral, o Beco de Coelho do Amaral e a Rua de Coelho do Amaral.

<sup>13</sup> Yin Yun-peng e outros: “Descubra Taiwan”, Taipei World Magazine, 1992, p. 251.

português. Quando os chineses não aceitam o sistema português de nomeação, querendo transformá-lo e reestruturá-lo, que espécie de nomes a escolher? Evidentemente, aqueles que promovam a racionalidade da dominação colonial, e que memorizam políticos portugueses, dos quais especialmente aqueles que homenageiam nomes de quem que moveram abertamente agressões armadas contra a China, usando da força, como a Avenida do Coronel Mesquita e a Estrada de Coelho do Amaral. Se situarmos este tipo de nomes de ruas num fundo de conflitos entre o Oriente e o Ocidente, o seu significado original seria necessariamente alterado, mas o resultado é que nestas ruas, embora os nomes em chinês e em português não sejam traduzidos directamente um para o outro, não muda em absoluto a intenção inicial de homenagear em português colonialistas.

Evidentemente, podendo ver em algumas das ruas nomeadas com nomes de colonialistas, aparece o fenómeno da diferença entre a fonética e a semântica em chinês e em português, por exemplo, o supra mencionado Governador João Ferreira do Amaral. Talvez seja o governador de Macau mais famoso. Ele que é considerado como um herói pelos portugueses, aos olhos dos chineses não passa de um agressor colonialista tristemente famoso. Desde 1846, ano em que foi nomeado governador, ele tinha vindo a implantar uma série de medidas colonialistas em Macau, tendo usurpado os direitos de jurisdição sobre o povo chinês de Macau que detinham a Dinastia Qing, aplicando-lhe impostos, e aplicando penas aos infractores das leis portuguesas. No que toca à terra, declarou a construção de uma estrada entre a Rua do Campo e a Porta do Cerco, exortando os chineses a deslocar as suas campas ancestrais, sitas na zona a expropriar, dentro de um mês, ao mesmo tempo, tudo fez para se livrar da jurisdição do governo chinês sobre Macau, chegando a fechar a Alfândega chinesa em Macau, e considerando o tsotang cônsul da China em Macau, sem poder interferir nos assuntos de Macau. O fazer e desfazer de João Ferreira do Amaral despertou a indignação popular da comunidade chinesa e, finalmente, foi assassinado em 1849 por Shen Zhiliang na Porta do Cerco. Em Macau, há outros topónimos nomeados com o seu nome, por exemplo, o Istmo de Ferreira do Amaral, a Rua de Ferreira do Amaral, a Praça de Ferreira do Amaral e a Estrada de Ferreira do Amaral. Não será difícil descobrir que nos dois primeiros topónimos, se verifica o fenómeno da diferença entre o chinês e o português e nos dois últimos, se veja uma tradução literal do português para o chinês. Se apenas interpretarmos que isto teria resultado da diferença entre os nomes em chinês e em português, parece difícil explicar como é que os topónimos chineses com o elemento Amaral são preservados até hoje em dia.

Através da observação acima feita, vê-se que nomes de ruas que não têm nada que ver uns com os outros, aparecem em termos sem grandes características portuguesas, entre outras coisas, tais como “muro” e “alegria”, enquanto o fenómeno da diferença para a mesma via pública não aparece em nomes de ruas, repletos de nuance colonialista, que enaltecem os méritos e as virtudes do Governo Português de Macau. Evidentemente, o fenómeno da diferença para a mesma via pública não pode ser simplesmente atribuída ao conflito entre a cultura chinesa e ocidental. Ao mesmo tempo, o Governo Português de Macau do passado não impôs uma tradução a partir do português e bem pelo contrário, foi autorizando os nomes de ruas em chinês a seguir um novo caminho, que são usados ao mesmo tempo que os seus nomes em português, o que mostra o espírito humanista de tolerância e coexistência da cultura da toponímia de Macau.

Uma vez que a diferença não resultou de conflito cultural, então qual seria o motivo deste fenómeno? Evidentemente, não se trata de coexistência cultural, porque é o resultado deste fenómeno e não a causa que está na sua origem. Talvez uma das razões deste fenómeno seja o facto de que uma vez feita a tradução directa, o nome em chinês é, às vezes, muito longo e difícil de pronunciar, o que deixa as pessoas sem maneira de o adoptar, por exemplo, o nome oficial da “Avenida Nova” é Avenida de Almeida Ribeiro. E topónimos como a “Travessa da Cruz” estão isentos destes problemas. Por acaso seria um erro durante o processo da tradução? Seria o nome preferido pelos chineses, em detrimento do significado original em português? Ou existem outras razões? Isto precisa de ser mais apurado no futuro pelos estudiosos.

V Nem chinês nem ocidental: Um produto da integração entre o Oriente e o Ocidente

O saudoso grande Mestre da Sinologia, Sr. Ji Xianling, disse: “Nos 5000 anos da história chinesa, tem havido vários climaxes do intercâmbio cultural. A última vez, e a mais importante, é a introdução da cultura ocidental. Desta vez, cronologicamente falando, situa-se no final da Dinastia Ming e início da Dinastia Qing, e geograficamente falando, a partir de Macau.”<sup>14</sup>

---

<sup>14</sup> Ji Xianling: “Intervenção no Simpósio Internacional sobre os Intercâmbios Culturais Sino-Estrangeiros”, Setembro de 1994.

Esta observação do Mestre Ji acertou em cheio. O intercâmbio de culturas chinesa e ocidental é de facto mais digno da referência indelével na história de Macau. Existe vitalidade entre as culturas, portanto, o intercâmbio entre diferentes culturas provoca uma série de reacções: conflitos, resistência, coexistência, integração.....Após a diferença acima referida, que reflecte a coexistência da cultura chinesa e ocidental em Macau, passemos a falar no último espaço sobre a integração entre as culturas chinesa e ocidental, presente em nomes de ruas de Macau.

Quanto à integração cultural, há a pouco profunda e a profunda. Pela pouco profunda, entende-se uma harmonia ou sobreposição dos dois elementos, em termos superficiais. Exemplifiquemos ainda com nomes de ruas. A Rua de Cinco de Outubro é, no seu sentido original, para comemorar a revolução republicana de Portugal, mas o seu nome chinês usa um estilo chinês de contagem de dias do sistema do tradicional calendário lunar para grafar o “cinco”, antecedendo-o com um carácter “cu”, que é um elemento típico da cultura chinesa. Pela profunda, significa um estado de integração total, em que já é difícil distinguir a oriental da ocidental. A Macau, que tem vivido um processo de intercâmbios entre as culturas chinesa e ocidental de quatro séculos, não faltam exemplos da profunda troca entre os dois mundos.

Na identificação das ruas de Macau, há tanto elementos presentes em outras cidades chinesas, como “rua”, “estrada”, e “travessa”, etc, como características de Macau, menos usados em outras cidades, tais como “pátio” e “beco”, etc. Além disso, existe um elemento que é único de Macau, mesmo pouco visto na vizinha Hong Kong, que fica separado por um braço de mar e que é próximo culturalmente de Macau. Referindo-nos a “qiandi(terreiro em frente de)”. Trata-se de um neologismo, nem chinês nem ocidental, que é produto dos intercâmbios entre o Oriente e o Ocidente em Macau.

Há estudiosos que destacam que “qiandi” é um termo típico do dialecto de Macau, cheio de nuance local, que os forasteiros talvez pouco compreendam a sua conotação. Não está dicionarizado o verbete “qiandi” em muitos livros instrumentais, tais como o “Mar de Palavras”, o “Dicionário do Dialecto de Guangzhou” e o “Dicionário de Estrangeirismos em Chinês”, etc. Será difícil de apurar quando e como apareceu este vocábulo. Apenas se sabe que o seu uso como identificador da via pública em Macau remonta a 1869; no entanto, pode ter-se a ideia certe-

za que antes desta data já se usava com certeza. “qiandi” é uma tradução chinesa de 3 palavras portuguesas: “largo”, “praça” e “praceta”, mas o sentido original de tais palavras não quer dizer “qiandi”, mas sim significa “guangchang(campo aberto)”. De momento, não se sabe ao certo quando é que começou a grafar-se “guangchang” em “qiandi”.<sup>15</sup> “guangchang” é uma coisa nova em Macau, que apareceu pela primeira vez em 3 de Julho de 1989. Anteriormente, este tipo de espaço era indiferentemente chamado de “qiandi”.<sup>16</sup>

Então, qual será a etimologia de “qiandi”? De acordo com as pesquisas de Lin Yongsheng, os aldeãos de Xinhui e Shunde, entre outras áreas, costumam chamar o espaço de reunião pública “ditang(lagoa da terra)”. O “qiandi” é idêntico a “ditang” em termos de função e ambiente. O facto de não se usar o termo “ditang” talvez seja porque no catolicismo há expressões como “ditang(salão da terra”, referindo-se ao Jardim do Éden, pois esta palavra tem uma pronúncia semelhante a “ditang(lagoa da terra)”. Para evitar confusão no uso, teria sido criado o termo “qiandi”. Evidentemente, o “qiandi” tem uma conotação e uma denotação mais amplas, que contêm certa concepção urbana. Mas este termo tem resultado realmente do intercâmbio e da integração entre as duas comunidades, a chinesa e a portuguesa, que reflectem os próprios reajustes e a mútua adaptação. Pode afirmar-se que o “qiandi” é resultado de consenso cultural dos longos intercâmbios entre os portugueses e os chineses em Macau.<sup>17</sup>

Além da identificação com “qiandi”, que não é nem chinês nem ocidental, tornando assim numa característica de Macau, a integração entre as culturas chinesa e ocidental reflecte-se em nomes de ruas; por exemplo, as lorchas na Rua das Lorchas. Trata-se de uma embarcação com casco europeu e velas de estilo chinês. Sendo um clipper de três mastros do século XIX, é um produto híbrido sino-ocidental. Na altura, este tipo de barco navegava por Macau, Sudeste Asiático, Japão e Península da Coreia. Até ao surgimento dos barcos a vapores, no século XX, estes barcos foram desaparecendo gradualmente.

<sup>15</sup> Lin Yongsheng: “A propósito do espaço de ‘qiandi’ de Macau”, in “Revista de Cultura”, n.º 53, Instituto Cultural de Macau, n.º da Primavera de 2004, p. 1.

<sup>16</sup> Fu Yulan: “A identificação e os nomes de ruas de Macau”, in “Boletim de Estudos de Macau”, n.º 5, p. 58.

<sup>17</sup> Lin Yongsheng: “A propósito do espaço de ‘qiandi’ de Macau”, in “Revista de Cultura”, n.º 53, Instituto Cultural de Macau, n.º da Primavera de 2004, p. 3.

Este produto, nem chinês nem ocidental, é precisamente o resultado dos profundos intercâmbios entre a China e o Ocidente. Não se é capaz de dizer se é chinês ou ocidental, sendo da mesma maneira difícil de separar o elemento chinês do ocidental misturado neste vocábulo, porque os dois têm-se unido num tudo, numa perfeita união, o que é o mais significativo da cultura de Macau e a característica mais valiosa da mesma cultura.

## VI Conclusão

As ruas da cidade são como uns fios que interligam os espaços e os edifícios da cidade, unindo-os num todo. Sendo como um espaço público, há ruas nesta cidade onde inúmeros cidadãos deixam a sua marca, e lhe dão identidade cultural. As ruas tradicionais reflectem alterações do tecido urbano histórico, de que tanto há a nível físico como espiritual. Se se afirmar que as ruas são parte da construção urbana, a sua disposição e orientação dizem respeito ao planeamento do espaço físico, então a escolha, a aceitação ou a recusa de nomes de ruas pertence ao planeamento do espaço cultural, que é um reflexo do direito de voz. Através da interpretação acima feita, não será difícil ver que precisamente na definição dos nomes de ruas, o Governo Português de Macau ostentava o seu exercício do poder, a enfatizar os momentos gloriosos da história de Portugal e os trabalhos árduos e as contribuições para Macau; ao mesmo tempo, através de nomes de ruas escolhidos a dedo esforçavam-se por homenagear aquelas figuras políticas do regime nessa altura vigente, a fim de criar um cenário político da administração portuguesa de Macau. Por outro lado, na medida da contínua sucessão de governantes até ao ponto de passar à história, a tocha da cultura que se transmite de geração em geração acompanha o progresso da história de Macau. Neste contexto, através das placas de ruas de Macau, a coexistência e a integração entre o Oriente e o Ocidente, verificadas nesta pequena cidade patenteiam-se. Isso reflecte uma cultura de topónimos que personificam os intercâmbios entre o Oriente e o Ocidente, a diferença na harmonia, o que representa exactamente a cultura urbana de Macau. Vale a pena estimar este valor nuclear.

